

Instituição

Coletivo Ykamiabas

Título da tecnologia

Rede Local De Economia Popular E Solidária De Careiro

Título resumo

Resumo

A Rede Local de Economia Popular e Solidária de Careiro é uma tecnologia social sociotécnica que articula empreendimentos rurais, coletivos de mulheres e iniciativas comunitárias para gerar renda, fortalecer saberes tradicionais e promover práticas sustentáveis no território. A rede integra formação, comunicação popular, feiras, mobilização comunitária e gestão compartilhada, criando um ecossistema de autonomia econômica e ambiental reaplicável em outros municípios amazônicos.

Objetivo Geral

Fortalecer empreendimentos comunitários do Careiro por meio de uma rede sociotécnica de comunicação e informação que integra formação, mobilização territorial, circulação de conteúdo e articulação de feiras, ampliando renda, visibilidade, autonomia e práticas sustentáveis.

Objetivo Específico

Estruturar fluxos contínuos de comunicação entre feiras, coletivos, associações e produtoras rurais. Ampliar a visibilidade dos empreendimentos por meio de mídias comunitárias, campanhas e narrativas locais. Promover formações em comunicação, gestão da informação e produção de conteúdos. Criar canais estáveis de divulgação e comercialização (feiras, redes sociais, materiais informativos). Organizar dados, histórias, indicadores e aprendizados para sistematização e reaplicação da metodologia.

Problema Solucionado

A Rede surge para enfrentar um problema estrutural: a falta de comunicação integrada e circulação de informação entre empreendimentos rurais, poder público, consumidores e comunidades. Essa ausência gera invisibilidade da produção local, baixa renda, dificuldades de organização coletiva e dependência de intermediários. As mulheres, maioria nos empreendimentos, lidam com dupla jornada, pouca valorização de seus saberes, escassez de acesso a ferramentas de comunicação e falta de canais para divulgar seus produtos e narrativas. Sem comunicação estruturada, os empreendimentos atuam de forma isolada, as informações não chegam aos territórios e iniciativas que poderiam se fortalecer em rede permanecem fragmentadas. A tecnologia social organiza esses fluxos, criando uma espinha dorsal de comunicação e informação que conecta territórios, gera visibilidade, amplia renda, mobiliza comunidades e fortalece a autonomia das mulheres. Com isso, transforma práticas produtivas dispersas em um ecossistema colaborativo, sustentável e reaplicável.

Descrição

A Rede Local de Economia Popular e Solidária de Careiro é uma tecnologia social sociotécnica construída a partir de um processo contínuo de comunicação comunitária, organização territorial e circulação de informação entre empreendimentos rurais, coletivos de mulheres, associações, feiras e lideranças comunitárias. A sistematização da iniciativa tem como eixo estruturante a comunicação, entendida não apenas como divulgação, mas como metodologia de formação, mobilização, tomada de decisão e fortalecimento da identidade territorial.

1. Origem e formação do modelo A Rede nasce da necessidade de superar a fragmentação existente entre as iniciativas produtivas do município. As agricultoras, artesãs e empreendedoras atuavam de forma isolada, com pouca visibilidade e sem canais estruturados de troca de informação. A metodologia começa com um amplo processo de escuta comunitária, realizado em feiras, encontros territoriais, visitas técnicas e rodas de conversa. Nessas escutas, foram identificadas demandas comuns: falta de divulgação, dificuldade para acessar mercados, ausência de informações organizadas sobre produção, sazonalidade e preços, e necessidade de espaços de formação em comunicação e gestão da informação.

2. Mobilização inicial e construção da espinha dorsal A partir desses diagnósticos, iniciou-se a organização da Rede articulando oito empreendimentos locais. A primeira etapa foi criar uma infraestrutura mínima de comunicação: grupos comunitários, boletins informativos, registros audiovisuais, mapeamento dos empreendimentos e um calendário unificado de eventos e feiras. Esse processo de mobilização gerou pertencimento e permitiu que a própria comunidade definisse prioridades e estratégias, consolidando a autogestão.

3. Metodologia de implementação A tecnologia social estrutura-se em quatro pilares:

- a) Comunicação comunitária como ferramenta de gestão: São realizadas formações sobre produção de conteúdo, fotografia comunitária, vídeo de celular, identidade visual, linguagem simples, criação de cards, gestão de redes sociais e técnicas de storytelling amazônico. As próprias mulheres se tornam comunicadoras do território. Cria-se rotinas de circulação de informações: compartilhamento

diário de oportunidades, editais, preços de produtos, chamadas de feira, agenda de eventos, necessidades de logística, contatos de compradores e alertas sobre mudanças climáticas que afetam produção. b) Organização e fluxo de informação territorial: A Rede desenvolveu uma matriz sociotécnica: cada empreendimento registra dados de produção, preços médios, demandas, dificuldades, fotos, relatos e indicadores de participação. Esses dados alimentam um sistema comunitário, simples, mas funcional, que orienta feiras, formações, campanhas de divulgação e decisões coletivas. Ferramentas usadas: mapas colaborativos, grupo de difusão, planilhas comunitárias, banco de imagens, narrativas e memorial de atividades. c) Feiras como espaços de comunicação viva: As feiras deixaram de ser apenas pontos de venda e passaram a ser plataformas de informação. Em cada encontro, a Rede realiza: registro audiovisual; entrevistas com empreendedoras; testes de produtos; rodas de conversa com consumidoras; mapeamento de desafios; coleta de dados sobre vendas e público. Esses dados alimentam relatórios comunitários e orientam melhorias para as próximas edições. d) Educação para autonomia: A Rede realiza oficinas sobre comunicação popular, economia solidária, autoestima, direitos das mulheres, agroecologia, gestão da informação e incidência local. Cada oficina gera conteúdos compartilháveis (textos, cards, vídeos) produzidos pelas próprias participantes, fortalecendo a autonomia comunicativa. 4. Interação com a comunidade e governança A gestão é 100% participativa. Decisões são tomadas em assembleias, grupos de WhatsApp e encontros presenciais. Cada empreendimento tem uma mulher referência responsável por circular informações e trazer retornos. A comunidade participa de todas as etapas: diagnóstico, planejamento, execução, formação, avaliação e adaptação. A tecnologia é viva: evolui conforme surgem necessidades e feedbacks. 5. Evidências e monitoramento A Rede utiliza registros contínuos: listas de participação, relatórios narrativos, pesquisas de satisfação, dados de vendas, número de feiras, engajamento em redes sociais, alcance de campanhas, indicadores de renda e relatos sobre autoestima e autonomia. O processo se consolidou como uma metodologia replicável, pois utiliza ferramentas de comunicação de baixo custo, combinadas com processos organizativos comunitários.

Recursos Necessários

A implantação de uma unidade da Rede Local de Economia Popular e Solidária de Careiro exige recursos materiais e serviços especializados voltados à comunicação comunitária, registro de informações e mobilização territorial. São necessários: - Equipamentos básicos de comunicação (celulares com boa câmera, microfones simples, tripés, kits de iluminação portátil). - Materiais de registro e organização da informação (cadernos de campo, pastas, HD externo, cartões de memória, planilhas digitais). - Infraestrutura para formações (projektor, caixa de som, extensões, mesas, cadeiras, material gráfico e impressões de cartilhas). - Itens para feiras e encontros comunitários (tendas, mesas, banners, faixas, lona, placas de identificação das empreendedoras). - Materiais para mobilização visual (cartazes, lambe-lambes, papel fotográfico, tintas, adesivos, sinalização). - Acesso à internet, dados móveis ou roteadores comunitários para circulação contínua de informações. - Recursos de deslocamento para visitas territoriais e registro audiovisual. - Insumos para ações educativas (papel, pincéis, pranchetas). - Serviços especializados de designer, fundamentais para criar identidade visual comunitária, padronizar materiais de divulgação, desenvolver templates para redes sociais, produzir peças gráficas das feiras e organizar visualmente relatórios, sistematizações e bancos de informação. Os materiais e serviços priorizam baixo custo, autonomia comunitária e alta replicabilidade.

Resultados Alcançados

A implementação da Rede de Economia Popular e Solidária com base na comunicação comunitária gerou resultados expressivos, tanto quantitativos quanto qualitativos, fortalecendo empreendimentos e ampliando a visibilidade das mulheres rurais. 1. Resultados quantitativos - 8 empreendimentos integrados na estrutura da Rede (agricultores familiares, coletivos de mulheres, artesãs, produtores orgânicos, feiras comunitárias). - Mais de 13 comunidades rurais mobilizadas, incluindo BR-319, Lago do Batata, Purupuru, Araçá, São João e comunidades adjacentes. - Mais de 120 mulheres envolvidas diretamente nas ações de feiras, formações, campanhas e grupos de informação. - Realização de feiras periódicas e agendas conjuntas, com aumento expressivo da circulação de produtos locais. - Mais de 40 produções comunicacionais (vídeos, cards, entrevistas, lambe-lambes, reportagens, fotografias comunitárias). - 07 empreendimentos liderados por mulheres. 2. Resultados qualitativos - Aumento da autonomia das mulheres, que passaram a se reconhecer como comunicadoras do próprio território, fortalecendo autoestima e papel político. - Fortalecimento da identidade amazônica, com narrativas produzidas pelas próprias comunidades. - Ampliação da visibilidade dos produtos e da produção rural, gerando novos públicos e parcerias. - Redução da fragmentação entre iniciativas locais: hoje os empreendimentos operam com calendário integrado, informações compartilhadas e decisões coletivas. - Melhoria na renda das participantes graças à ampliação dos canais de divulgação, aumento do fluxo de consumidores e fortalecimento das feiras. - Incidência política ampliada: a Rede foi convidada para eventos municipais, feiras regionais, debates sobre mulheres rurais, conferências de desenvolvimento e ações dos 16 dias de ativismo. - Construção de uma metodologia própria que combina comunicação, educação popular e organização sociotécnica, reconhecida localmente como uma solução inovadora para territórios rurais amazônicos. - Apropriação comunitária: a Rede segue ativa independentemente de projetos específicos,

porque a comunicação gerou pertencimento, rotina e autonomia. Esses resultados mostram que a espinha dorsal em comunicação e informação não apenas integrou os empreendimentos, mas transformou a forma como o território

Locais de Implantação

Endereço:

Zona Rural, Careiro, AM